

Ensaio compreensivo do assimbolismo nas organizações psicóticas e pré-psicóticas

J. FRANCISCO DE ALMEIDA (*)

O ponto de partida do presente artigo é o trabalho de René Hautman (1978) intitulado «Organização Borderline e Condições Psicóticas». Hautman vai debruçar-se sobre os «aspectos assimbólicos do psiquismo», característicos dos estados psicóticos e pré-psicóticos. As perturbações no processo de simbolismo e o que designa por «área assimbólica» vão ser estudados a partir da *análise da organização borderline*. Designa por «área assimbólica» tudo o que «está para além da formação do símbolo e, portanto, para além do nível onírico do pensamento».

A problemática do simbolismo/assimbolismo é abordada dos pontos de vista económico/genético e estrutural: do ponto de vista económico, as perturbações do simbolismo teriam origem numa «dominância do narcisismo destruidor, impedindo a organização do primeiro nível onírico do pensamento», que levariam a um «impacte catastrófico com a realidade física» — ausência de mediação estruturante do pensamento; do ponto de vista genético-evolutivo, as perturbações nos processos de simbolização situar-se-iam ao nível de uma elaboração deficiente da posição depressiva (M. Klein) —

Hautman situa «já durante o período pré-natal o princípio da formação da película do pensamento onírico»; do ponto de vista estrutural, as perturbações seriam resultantes de uma deficiente distinção entre «o subjectivo e o objectivo», o falso e o verdadeiro no mundo «das relações com os objectos que é própria da organização do *self*».

1. ORGANIZAÇÃO BORDERLINE

René Hautman (1978, pp. 805-806) considera que, do ponto de vista clínico e metapsicológico, a organização *borderline* se revela em pacientes que apresentam características que, muito esquematicamente, poderíamos resumir do seguinte modo:

- a) «... gama vasta e polimorfa de condições patológicas, tanto no que se refere aos sintomas, como no que respeita à estrutura». Podem, assim, coexistir ou suceder-se no tempo, aspectos psicóticos, hipocondríacos, etc.
- b) Um «... polimorfismo que caminha a par de uma estabilidade do quadro, dependente do condicionamento específico das diferentes partes do *self* e das relações com o objecto».

(*) Psicossociólogo. Professor do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.

Estas características da organização *borderline* revelam-se e dão lugar a quatro tipos que podem apresentar predominantemente:

- a) Uma forte presença de componentes narcísicas;
- b) Anomalias ao nível da formação do símbolo, com «organização insuficiente da película do pensamento», de que resulta um *self* fracamente organizado «com partes assimbólicas cínidas, que não participam na sua formação»;
- c) Um grande investimento em objectos externos que se apresentam fortemente condicionantes — relações muito próximas e submergentes;
- d) Ausência de integração das diferentes partes do *self*.

Quadro fenomenológico

No *borderline*, a *organização narcísica* explica as componentes perversas, toxicómanas, psiconevróticas e psicóticas; «as micro-lacunas da película do pensamento», na base da *organização do self*, explicam alguns elementos psicóticos de tipo delirante; o «*desenvolvimento de uma parte dependente do self*» explicaria as componentes psiconevróticas, caracterizadas por «uma fraqueza frequente do *self* em relação aos objectos exteriores»; a fraca *organização e integração do self*, conjuntamente com defesas narcísicas, dificultariam a capacidade do *borderline* para integrar bons objectos e, portanto, levariam a uma ausência de reforço do *ego*. No entanto, as angústias psicóticas daí resultantes seriam ocultadas cuidadosamente pela realidade exterior, através de mecanismos defensivos de «*identificação projectiva adesiva*» (Rosenberg, 1969, pp. 158 e 159), com relações de objecto próximas e submergentes.

Narcisismo e simbolismo na organização borderline

No seu trabalho, Hautman (1978, pp. 807 e 808) centra-se sobretudo em dois reagrupamentos, consoante a *organização borderline* apresenta fortes componentes narcísicas — *borderline narcísicos* — ou dificuldades de simbolização, resultantes de um *self* «... em que a película do pensamento está insuficientemente desenvolvida» — *borderline assimbólicos*.

As fortes componentes narcísicas e a fraca *organização do self* resultariam de um excesso de narcisismo destruído (Rosenfeld, Bion) contra todos os elementos do *ego* que têm como função estabelecer contactos com a realidade interna e externa». Segundo Bion, esses elementos são:

- a) A atenção;
- b) O sistema de notação (que faz parte da memória);
- c) A formulação imparcial do juízo;
- d) O evitamento da acção (que é assegurado pelo processo de pensamento).

Segundo Bion, todos estes elementos têm um papel essencial, no desenvolvimento do pensamento verbal. No meu entender, poderá ser este facto que estará na origem e poderá explicar a coexistência de componentes narcísicas e assimbólicas nos *borderline* (referidos por Hautman, 1978), bem como a sua interdependência.

Em termos estruturais e ainda segundo Bion, esses ataques originar-se-iam pela ausência de desenvolvimento adequado da posição depressiva (M. Klein), de que resultaria uma elaboração deficiente, no psicótico (ou pré-psicótico) do princípio da realidade.

De facto, no entender de Bion (1962), «a castração do *ego*» consiste em ataques destruidores (narcisistas) sobre:

- a) A consciência ligada aos órgãos sensoriais;

- b) A atenção;
- c) O sistema de notação;
- d) A função do juízo;
- e) O pensamento como meio de suportar o acréscimo de tensão devido à paragem da descarga motora.

Podemos deduzir assim que os *borderline*, em termos genético-evolutivos, seriam pacientes com uma elaboração deficiente da posição depressiva, o que originaria a ausência da reversibilidade (referida por Hautman) entre a posição paranóide e depressiva (PS \rightleftharpoons PD), afectando o desenvolvimento do pensamento verbal que «é uma das transformações das forças de síntese e integração» que, segundo M. Klein, caracterizam a posição depressiva.

As tentativas de síntese inerentes à posição depressiva seriam, assim, contrariadas pelos mecanismos de clivagem, quer através do «sadismo oral, uretral, anal e muscular contra o corpo da mãe», quer através de ataques do narcisismo destruidor a todas as funções do ego que já referi.

Deste modo, a existência dos processos de clivagem no *borderline* poderia explicar a utilização deficiente dos símbolos, pois seguindo ainda Bion, a capacidade de simbolizar depende:

- a) Da possibilidade de apreender objectos totais;
- b) Do abandono da posição esquizo-paranóide e da correspondente utilização da clivagem;
- c) Da reunificação das partes clivadas e da entrada na posição depressiva, «... fase de síntese e integração activas».

Mas, quais os factores críticos de desenvolvimento que estão na origem do simbolismo?

2. FUNÇÃO SIMBÓLICA, PENSAMENTO E LINGUAGEM

Bernard Gibello (1977) faz uma distinção entre o que designa por «*os representantes das coisas*», que considera ligados a imagens mnésicas, associadas às experiências de satisfação da necessidade, e «*os representantes das palavras*», ligadas às cadeias significantes sonoras associadas às experiências de satisfação. O pensamento teria origem, portanto, na articulação e integração pela criança destes dois aspectos.

Gibello vai procurar responder a esta questão, seguindo as fases críticas de desenvolvimento segundo Spitz.

O primeiro organizador

Antes do «primeiro organizador» (a reacção pelo sorriso ao rosto humano), a primeira aquisição da criança seria apenas uma distinção entre as experiências agradáveis e desagradáveis.

Com a reacção pelo sorriso ao rosto humano (cerca de oito semanas de vida), a criança revê nos objectos do mundo externo (rosto da mãe) significantes que representam o contexto (experiências gratificantes) em que já foram percebidas.

É nesta fase que M. Klein faz uma observação fundamental, que completa a de Spitz. Observa que, quando a criança permanece durante muito tempo a chorar, com fome, sede ou desconfortável no momento de se alimentar, repele a mãe e o biberão.

Este acontecimento seria originado pelos mecanismos de clivagem em bons e maus objectos. A criança rejeita o mau objecto. Esta classificação clivada em bons e maus objectos representa uma progressão nítida na organização do «seu caos interior», pois permite classificar as suas experiências em boas e más.

Utilizando a terminologia de Bion (1962), o pensamento teria origem na união de uma

«pré-concepção», que este define como objecto psíquico elementar: reflexos inatos de sucção, agarrar, seguir com o olhar, etc., com a sua *actualização*, ligada às experiências de satisfação. No entanto, segundo Bion, só poderemos falar de pensamento quando se dá o «encontro de uma pré-concepção com a “consciência” de que o seio (a mãe, o objecto) está ausente — união de um “pré-conceito” com a ausência do objecto».

Esta perspectiva evidencia a importância das experiências de satisfação/frustração, ou, utilizando a terminologia de Winnicott (1951), ilusão/desilusão. Mas, se o pensamento se encontra ligado às experiências de frustração, é também verdade que o grau de tolerância àquela é uma variável dependente das experiências de satisfação. Winnicott chama a atenção para este facto, ao afirmar que a desilusão deverá ser precedida de uma ilusão que proporcione o desenvolvimento da tolerância: a mãe que «desilude» terá de ser a mãe que «iludiu» suficientemente.

Verifica-se que o desenvolvimento do pensamento caminha a par da capacidade do sujeito para tolerar a frustração. Se a tolerância à frustração for suficiente, a criança elaborará adequadamente a posição depressiva, isto é, se «uma mãe é “suficientemente boa” incarna-se na alucinação do objecto bom que por isso mesmo reforça; uma mãe incompetente, ausente ou odiosa, reforça a imagem má e a angústia de aniquilação pelo aumento das tensões internas».

O segundo organizador

A angústia do oitavo mês, observada por Spitz, coincide com a «tristeza e a depressão» da posição depressiva de que fala M. Klein.

Estas observações comprovam a capacidade da criança para evocar os objectos ou as pessoas ausentes, i. e., da função semiótica que, mais tarde, possibilitará o acesso

à linguagem. Segundo Melanie Klein, a ansiedade da criança resultaria, não do receio de ter sido abandonada (como diz Spitz), mas, muito simplesmente, do receio de ter sido destruída.

A posição depressiva significará para a criança, também, a possibilidade de se relacionar com objectos totais.

O terceiro organizador

Aos 15-18 meses, a criança é capaz de abstrair. Segundo Spitz, a primeira abstracção é o não. Quer dizer que a criança é capaz de substituir a ausência do objecto pela presença do símbolo.

Esta capacidade de abstracção vai tornar possível a utilização da linguagem verbal e da sua sintaxe. Só a capacidade de abstracção possibilita o manuseamento de signos em que a relação significante/significado é arbitrária e convencional. A partir daqui, a criança pode passar de uma comunicação predominantemente analógica para uma comunicação predominantemente digital (utilizando a linguagem de Watzlawick, 1967), em que a relação entre significante/significado é extrínseca aos signos verbais (sonoros) que utiliza.

A linguagem pode, então, passar a ter uma função unificadora e integradora, constituindo-se como verdadeiro objecto transicional (Winnicott), isto é, como objecto «entre o sonho e a realidade, entre o corpo (o biológico) e o mundo externo, que Winnicott designa como área transicional onde se localizam o jogo e a experiência cultural» (Roland Gori, 1975).

É esta função unificadora da linguagem que faz parte da função alfa, conceptualizada por Bion e tantas vezes referida por Hautman. Antes deste momento, o biológico e a linguagem «correspondem nos seus conteúdos». Ou, seguindo Bion (1962), α e β coincidem, pois, sendo a «função alfa que

converte os dados dos sentidos em elementos alfa... o *self* só pode ter consciência de si próprio no sentido em que se conhece a si próprio por se ter experimentado a si próprio». É o seu desenvolvimento que vai permitir a distinção entre o subjectivo e o objectivo e, portanto, preparar o caminho para a elaboração e desenvolvimento normal do pensamento.

O desenvolvimento do pensamento

Bion (1962) classifica os pensamentos de acordo com a história do seu desenvolvimento em «pré-concepções, concepções ou pensamentos e conceitos». As pré-concepções correspondem às disposições inatas (conhecimentos *a priori* ou pensamento vazio). Sempre que a «pré-concepção se une à realização, produz-se uma concepção». Verifica-se assim que as concepções estão intimamente ligadas às «experiências emocionais de satisfação».

O pensamento, pelo contrário, está ligado à frustração. É a «conjunção de uma pré-concepção com a frustração».

O «pensar» (*Thinking*) vai, no entanto, depender do desenvolvimento de um «aparelho para pensar os pensamentos», intimamente ligado com a capacidade da criança para tolerar a frustração. De facto, a «capacidade para tolerar a frustração permite ao psiquismo desenvolver pensamentos como um meio através do qual a frustração que é tolerada se torne mais tolerada»; se, pelo contrário, a capacidade para tolerar a frustração não se encontra suficientemente desenvolvida, «a justaposição de uma pré-concepção com a realização negativa transforma-se num mau objecto», dando origem ao desenvolvimento da identificação projectiva como forma de libertação do mau objecto. Então, em lugar de «um aparelho para pensar os pensamentos», desenvolve-se um aparelho para «libertar o psiquismo da acumu-

lação de maus objectos»⁽¹⁾. Se o domínio da clivagem e da identificação projectiva permanecem, isso conduzirá à fraca distinção entre o «*self*» e o objecto externo, entre o subjectivo e o objectivo, o verdadeiro e o falso.

3. ALGUMAS NOTAS SOBRE O TRABALHO DE ANÁLISE NA ORGANIZAÇÃO *BORDERLINE*

A organização *borderline* e o polimorfismo sintomatológico que a caracteriza exigem, no trabalho de análise (Hautman, 1978):

- Receptividade e mobilidade que permita escolher, em cada momento, os aspectos dominantes que se apresentam na sessão de análise;
- Grande mobilidade na análise do *transfert* com interpretações «... visando formar o continente interno do paciente». (Devido à fraca organização do *self* e ao excesso de narcisismo destruidor, pode existir uma relação de *transfert* psicótico «... em que o analista é visto como uma parte narcísica do *self* — vd. Rosenfeld — ou como um objecto idealizado onde o paciente tenta a fusão, ou defender-se»);
- Uma atitude que considere a interpretação, «... em relação a um momento espaço-temporal, definido, da sessão,

(¹) Winnicott (1951) mostra como o desenvolvimento da tolerância à frustração está dependente das experiências emocionais de satisfação, isto é, da capacidade da mãe se adaptar às necessidades do bebé: «A criança percebe o seio somente na medida em que o seio pode ser criado exactamente no aqui e agora.» Isto demonstra que é a simbiose inicial, a ausência de relação (o seio faz parte da criança, tal como a criança faz parte da mãe), que é a matriz de uma futura relação de troca. «Em psicologia, a ideia de troca repousa sobre uma ilusão» (Winnicott, 1951).

como uma transformação criativa», isto é, «... um movimento que vá do biológico ao psíquico..., do pré-simbólico, ... do subjectivo (afecto) ao objectivo (razão), ... do irreversível ao reversível.

RESUMO

O presente artigo estuda a génese do assímbolismo nas estruturas psicóticas e pré-psicóticas. Parte da organização *borderline*, caracterizada por Hautman (1978), para depois ensaiar a sua explicação numa perspectiva genética-evolutiva.

São analisados os factores críticos que estão na origem do desenvolvimento da função semiótica, do pensamento e da linguagem.

Situam-se as perturbações nos processos de simbolização ao nível da elaboração da posição depressiva, cujo desenvolvimento adequado será contrariado pelos mecanismos de clivagem e por ataques narcisistas contra as funções do *Ego*, impedindo a elaboração e normal desenvolvimento dos processos de simbolização.

BIBLIOGRAFIA

- BION, W. R., «Language and the Schizophrenic», in M. Klein, P. Heimann, R. E. Money-Kyrle (eds.), *New Directions in Psycho-Analysis*, pp. 220-239, Tavistock Publications, Ltd., Londres.
- BION, W. R. (1954), «Notas sobre la teoría de la Esquizofrenia», in *Volviendo a Pensar* (1972), Editorial Paidós, Ediciones Horme S. A. E., Buenos Aires.
- BION, W. R. (1962), «Una Teoría del Pensamiento», in *Volviendo a Pensar* (1972), Editorial Paidós, Ediciones Horme S. A. E., Buenos Aires (1972).
- GIBELLO, B. (1979), «Fantasma, Linguagem, Natureza: Três tipos de realidades», in *Psychoanalyse et Langage*, Bordas, 1977. (Trad. port. de Moraes Editores, 1979).
- GORI, R. (1975), «Entre o Grito e a Linguagem: o Acto da Fala», in *Psychoanalyse et Langage*, Bordas, 1977. (Trad. port. de Moraes Editores, 1979).
- HAUTMAN, R. (1978), «Organization Borderline et Conditions Psychotiques», *Rev. Française de Psychoanalyse*, 5, 6.
- ROSENFELD, H. (1969), «La Psychopathologie du Narcisisme considerée sous l'Angle Clinique», *Rev. Française de Psychoanalyse*, I.
- WATZLAWICK, P., HELNICK, J. — BEAVIN, JACKSON D. (1967), *Une logique de la communication*, Éditions du Seuil, Paris, 1972.
- WINNICOTT, D. W. (1951), «Objets transitionnels et Phénomènes transitionnels», in *De La Pédiatrie à la Psychoanalyse*, Payot, Paris, 1969.